



O COMUNISTA

Numero avulso 20 centavos

PROPRIEDADE DO

Centro Comunista de Lisboa

Redator principal: J. CARLOS RATES

Editor: JOSÉ RODRIGUES

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Redação e administração:

Rua do Conde das Águas, 51 r/o

Composição e impressão:

R. da Provisão, 78, 1.º - T. do Jasmim, 12

CAMINHEMOS!

O Comunista: Eis um vocábulo eminentemente explosivo. Estas dez inofensivas letras, assim combinadas, servem de invólucro ao estardalhaço elementar de que é feita a III Internacional. A sua tonitroância tem a singular propriedade de acordar para a luta as incomensuráveis legiões de trabalhadores, atônitas por uma servidão muitas vezes secular, e de espalhar o terror nas minguadas falanges dos «proedores», afeminados e entorpecidos por uma existência aviltantemente parasitária.

O Comunista é a trombeta clangorosa que chama as armas as inumeráveis forças dispersas do proletariado, para as formar, enquadrar, disciplinar e levar ao combate. As suas notas atingem a essência terrificante do trovão e a harmonia sublime dos requiebrados do violino. Como uma força cósmica, vibra a sinfonia da dinâmica social, — orquestrando o martelar estridente das oficinas, o rodar monótono e suporífero da maquinaria fabril, o som cavo e lúgubre da enxada penetrando a terra, os queixumes nostálgicos das casernas, as canções saudosas dos homens do mar e os compassos do silêncio do intelectual em suas locubrações, solto por penetrar a natureza nas suas sombras.

Extranhado a preocupações de baixo patriotismo, *O Comunista* não reconhece fronteiras; a sua pátria é a Pátria do Homem. Operando num sector de 360º, dirige os seus ataques para onde quer que se patenteie a iniquidade. Tem por objetivo primário a ditadura do proletariado e a abolição da propriedade privada.

Armado, exclusivamente, com a clava da inconfundível Verdade, *O Comunista* dispensa a bagagem literária. Como o plebeu Mario repetirá que as bonitas frases são necessárias para os que pretendem encobrir com elas as suas infamias. O seu nome é por si só todo um programa. A sua dialética é a ação. A coerência é a sua lógica. Não vem esgrimir contra o vácuo: — O seu objetivo está já assinalado, os seus adversários bem localizados. Ao contrario dos charlatães a que andamos habituados, *O Comunista* não vem oferecer um paliativo: — Vem patentear o grande campo de batalha — em que se rasgarão as carnes — e ensinar a tática que conduz ao triunfo. Desamando cordialmente a auréola do martir, *O Comunista* quer que

se utilizem todas as armas que dão a supremacia à classe burguesa. *O Comunista* é um discípulo da Escola da Vitória.

Sentimo-nos a única força criadora do futuro. Além há já muitos dos nossos, — muitos mais do que se nos afigura. Amanhã haverá mais do que hoje. Depois de amanhã, milhões se levantarão para marchar sob a nossa bandeira, — milhões que ainda hoje — sessenta e sete anos depois do Manifesto Comunista, — não tem mais que perder as suas algemas.

Eis as palavras que em 1915 escrevia Leon Trotsky — o espectro diabólico da classe burguesa — tendo para nós, neste momento, a mais flagrante oportunidade.

Que todos os que são cordialmente revolucionários — mas revolucionários no campo das realizações imediatas — venham para nós. Os homens não valem pelo que prometem, mas pelo que realizam. Promover é fácil; realizar é alguma coisa mais difícil. Caminheemos!

Decio Beirão.

Sumario

Caminheemos!

Decio Beirão

O que é uma sociedade comunista?

Bertraint

O que é o Capitalismo d'Estado

N. Lenin

As Revoluções

Leon Trotsky

Insóns anarquistas

F. Engels

Os grandes problemas da Revolução

N. Boukharine

A Internacional Sindical Vermelha e a

Internacional de Berlim

A Revolução Social sem ditadura?

Organização comunista, meios e seu Programa de ação do Partido Comunista

O 1.º de Maio

e a erudição do H. J. de Sousa

O que é uma sociedade comunista?

Uma sociedade comunista perfeita supõe:

a) O desenvolvimento dos meios de produção de grande rendimento; maquinismo industrial e industrialização da agricultura.

b) A especialização da produção industrial e agrícola dos países e das regiões suscetíveis de assegurar aos diversos ramos de produção o maximo de produtividade.

c) Uma superabundância da produção que é a consequência do maquinismo desenvolvido.

d) A redução a algumas horas por dia do tempo de trabalho necessário a assegurar esta superabundância da produção.

Uma vez realizadas estas condições surgem os seguintes resultados:

1.º — O parasitismo desaparece por si mesmo. Quando o trabalho diretamente produzido é curto e facil, quem ousará negar-se a executá-lo?

2.º — Cada um poderá, fóra das ocupações de ciencia pura e de arte desinteressada, contribuir diretamente para a produção.

3.º — O manejo facil das maquinas permite a variabilidade das profissões.

4.º — Para todos os objetos de consumo superabundantemente produzidos, a compra, a venda e o arrojamento desaparecem. Cada trabalhador consome á vontade.

5.º — A noção do valor de troca, valor baseado no tempo de trabalho necessário á fabricaçao do produto, a noção do preço resultante das leis da oferta e da procura, desaparece da consciencia humana.

6.º — O calculo do tempo necessário para produzir ou transportar as materias primas ou os objetos de consumo, este calculo servirá somente para a organização do trabalho e para a repartição por regiões e localidades dos frutos do trabalho.

7.º — O livro consumo dos produtos superabundantes, a participação de todos os homens válidos na produção, a desapareção das classes farão desaparecer o Estado.

8.º — Será possível então, n'um tal meio, estudar a transformação da mentalidade e da psicologia humanas.

Bertraint



A INTERNACIONAL SINDICAL VERMELHA DOS ARSENALISTAS

A INTERNACIONAL DE BERLIM

Neste pequeno quinquenário, com o pouco espaço de que podemos dispor, difícil nos seria sintetizar num simples artigo esta tão debatida questão das duas Internacionais de acção revolucionária.

E' na verdade historia edificante a fazer, e, que um dia em que possamos dispor de mais tempo e mais papel o faremos!

Para os que têm acompanhado desde o seu inicio esta questão, resulta como motivo primacial desta scisão no movimento operário revolucionário, a constatação de de que ela é essencialmente o simples produto da intransigencia e do odio sectario dum certo numero de anarquistas, de vaidades feridas e duma ciumenta ambição de hegemonia sobre o movimento sindical a favor duma seita ou partido e em detrimento d'outros.

Acusa-se a I. S. V. de ser um feudo comunista, — quando nesta se agrupam elementos, que não tendo a fobia comunista, simples sindicalistas revolucionarios se confessam; — mas, não se quer ver que á frente da A. I. T. estão anarquistas e só anarquistas cuja marca de fabrica ninguem contesta e que ostensivamente proclamando o anarquismo da sua Internacional, tiram a esta o carater geral e profissional — o unico verdadeiramente sindicalista — transformando a num agrupamento fechado, onde só terão entrada os agrupamentos com identicas afinidades ideologicas.

E os artifices mais categorizados desta Internacional; os Rucker, os Borghi, os Schapiros, parece pelas suas sistematicas campanhas que não têm por fim encontrar uma plataforma de entendimento com as restantes fracções revolucionarias do proletariado mundial, mas unicamente concentrar toda a sua acção e toda a sua energia, não no ataque á burguesia, mas sim, no ataque violento á Revolução Russa, aos seus «leaders» e á I. S. V. onde se agrupa uma fracção numerosa e importante do proletariado revolucionario!

Essas organizações enfundadas aos anarquistas, em vez de se fazerem representar no ultimo congresso da I. S. V. e levarem lá as suas condições de adesão, como o fez a C. G. T. U. condições; que aliás todas foram aceites pelo Congresso; — em vez de terem formado um bloco, organizando-se com o fim de defenderem e combaterem pelos seus pontos de vista especiaes, ideologicos, em vez de pugna-rem pelo seu direito de critica e de opposição dentro duma Internacional de carater revolucionario; em vez de empregarem todos os esforços para manter a unidade, preferiram fazer a scisão e crear uma nova Internacional, antes mesmo de conhecerem quaes seriam as decisões do ultimo congresso da I. S. V. onde se ha decidir as modificações do estatuto e a tão debatida questão das relações organicas com os partidos comunistas e com a I. C.

E não podem alegar, — pois não fizeram

experiencia, — que não seriam ouvidos, nem seriam satisfeitos os seus designios pelo Congresso da I. S. V., quando este deu a prova do seu espirito de tolerancia, de conciliação e de concordia, aceitando tudo o que uma fracção minima do movimento revolucionario sindical lhe propoz.

E não seria esse, o seu dever de revolucionarios sinceros? Não deveriam tê-lo feito?... Não deviam ter esgotado até ao fim todas as tentativas de conciliação, de harmonia e de unidade?... Porque o não fizeram?...

Porque... desejavam ter uma Internacional *multo sua*, uma Internacional de trazer por casa! Ainda que esta fosse esqueletica, impolente, sem acção!...

Fundavam todas as suas esperanças em que a I. S. V. mantivesse intransigentemente a primitiva orientação dos seus estatutos, mas, como pelo contrario, viram desfeitas as suas esperanças, agarram-se agora a todos os cabelinhos, insinuam que as alterações feitas são uma burla, um conto de vigario, uma mistificação!... Porque? Porque, ainda se fala em relações aliás circunstanciaes, dependentes nacionalmente das livres resoluções das centras, e só internacionalmente dos congressos geraes. Mas não era isto o que se pretendia! O que se queria era que se desconhecesse a importancia, a força, a extensão do movimento comunista em relação a certos paizes da Europa. O que se pretendia era elimina-lo, exclui-lo do seu direito a fazer-se ouvir no movimento sindical, negar-lhe o logar a que tem jus como os anarquistas, pelo seu numero, pela sua influencia, pela sua acção e pelos seus sacrificios!

E eis a razão porque a I. S. V. vê erguer-se contra ela os anarco-sindicalistas que pretendem ter o monopolio do sindicalismo revolucionario e que pretendiam que a Internacional fosse a imagem perfeita e absoluta das suas concepções, ao contrario dos sindicalistas-revolucionarios autenticos que consideram que como as centras nacionais, a Internacional, deve ter nitidamente um carater profissional e ser aberta a todas as tendencias, a todos os operarios partidarios da Revolução e da luta de classes. Que ela deve ser a resultante de mutuas concessões entre as forças e tendencias em presença e não um organismo fechado com a característica exclusiva dum agrupamento de seita.

Mas tal parece não poder realizar-se, pois que este criterio é em demasia libertario para poder ser aceite pelos anarco-sindicalistas!

Tendo-se librado do jugo dos capitalistas pela Revolução, deveriam os trabalhadores dopor as armas ou empregá-las contra os capitalistas a fim de terminar com a sua resistencia? E o emprego sistematico das armas por uma classe contra outra que significa senão uma forma transitoria de Estado?

Karl Marx

O nosso prezado colega *O Arsenalista*, insere no seu numero de 1 de Maio, um artigo sobre *A unidade da organização operaria sob o ponto de vista internacional*, que é um protesto contra a obra de dispersão operaria que se vem promovendo no seio do proletariado português e implicitamente uma defesa de adesão á I. S. V.

Tambem *O Eco do Arsenal*, dos arsenalistas do marinha, insere um relato circunstanciado da conferencia internacional de Francfort e transcreve as suas resoluções.

Aproveitamos a ocasião para registar o seguinte facto: — uma boa parte dos militantes operarios dos arsenais, que não são filiados no P. C., subscreveram voluntariamente com quotas mensais para a publicação de *O Comunista*.

Este facto filia-se não só numa velha amizade mantida inalteravelmente, através de muitos anos, com a pessoa que dirige este jornal; mas tambem, e sobretudo, porque nunca os arsenalistas negaram o seu concurso fosse a quem fosse que se apresentasse animado de boas intenções a trazer armas pela causa do proletariado.

E' com prazer que registamos estes successos, porque, sem desdouro para ninguem, é entre os arsenalistas que se encontra do melhor que ha no escol operario português, já pela inteligencia já pela dedicação.

As relações entre o P. C. e os sindicatos não podem ser identicas em todos os paizes. Se existe de facto, uma unidade teorica sobre esta questão, é certo, no entanto, que deve existir uma grande variedade pratica em relação a diversos paizes. As relações entre o P. C. e os sindicatos mudam em razão do carater do movimento operario, das particularidades do meio, de todas as condições politicas e sociais, do papel que tem exercido em tal ou tal paiz os partidos socialistas, etc., etc.

Nos paizes que tem um movimento sindical antigo e onde os partidos comunistas são extremamente jovens as relações entre os sindicatos e o P. C. não podem ser as mesmas que nos paizes onde existe um movimento politico antigo e um movimento sindical moderno. E o fim que nós propomos — conquistar os sindicatos para o comunismo impregnando-os de espirito comunista — se este fim é justo e necessario, isto não significa, de modo algum, que possamos realisa-lo simultaneamente e pelos mesmos meios em todos os paizes.

Esta tarefa — a conquista da massa operaria para o comunismo, deve ser realizada segundo o meio e com o maximo de prudencia e cuidado.

Lowinsky

E' o desenvolvimento das contradições internas do regime capitalista, á a concentração e a organização do proletariado determinadas pela concentração e pela organização da grande industria, é a impossibilidade da existencia prolongada do modo coletivo de tecnica do trabalho com o modo privado de posseção dos instrumentos de trabalho; é tudo isto que determina, através de peripetias dramaticas, a marcha para o comunismo do mundo actual.

A força dos comunistas consiste em fixar como objetivo, o Estado social para o qual as forças historicas tendem e lutam.

Os comunistas vão conscientemente para onde o resto do mundo vai confusamente, sob a pressão das forças historicas.

Bertrams

Quem diz maquinismo, quem diz vapor, diz concentração económica, e o coramento dessas concentrações é o comunismo, não da nossa imaginação, mas da ordem das coisas.

Deville

A Revolução Social sem ditadura?

Já em tempos Emilio Costa pretendia explicar como se faria a Revolução Social sem ditadura.

Não obstante os seus dotes de argumentador, Emilio Costa nada conseguiu explicar, ninguém chegando a compreender o que *aquilo* seria.

E' que ha filosofias tão transcendentales que só os espiritos superiores podem conceber. Os homens praticos esses passam á margem das filosofias profundas e rebuscando a Historia tiram conclusões apropriadas.

Nunca, em tempo algum, se viu uma revolução sem violencia e que o vencedor deixasse de usar dela para impôr a sua vontade. Se não fora assim...

Ha pouco, tambem, um *nuestro hermano*, o sr. Isasi, exprimiu identico pensamento a um redator de *A Batalha*.

Ouçamo-lo, que vale a pena;

— Não concordo com a ditadura do proletariado.

— E como concebes a Revolução? — indaga o jornalista.

— Não o posso explicar completamente em meia dúzia de palavras. Exprimirei uma opinião a traços largos. Imaginemos que a Revolução está desencadeada. Vivemos num periodo de violencia em todo o país, ou em toda a península. Sou de opinião que em vez de se formar imediatamente um governo ditatorial, como pretendem os comunistas autoritários, devemos deixar seguir a acção violenta, desruidora, mas benéfica.

... Deixar seguir a acção violenta e destruidora mas benéfica? Nós não vemos que destruir uma fabrica ou um caminho de ferro seja uma acção benéfica. A Revolução o que convem não é destruir a riqueza acumulada e os meios de produção disponíveis. Pelo contrario, o que lhe convem é aumentar prodigiosamente essa riqueza, intensificar e aperfeiçoar todos os factores de produção. De contrario, como satisfazer cabalmente as necessidades crescentes da população? Ah! decerto, as revoluções trazem no seio catastrophes lamentáveis! Os desvarios e prejuizos hão-de surgir. Todos nós contamos com isso. Mas não nos parece que seja nobilitante para um obreiro da Revolução, que tem duas faces — uma destrutiva e outra constructiva — mostrar ás multidões ansiosas mas inconscientes a primeira face ocultando-lhe a segunda.

E porque não ha de a Revolução ser dirigida, oh! Isasi, palrador insigne?

Pois não admittes tu a direcção no sindicato? Pois não foste tu mesmo, apesar de imbecil, um dos directores duma Confederação do Norte de Hespanha? Pois não viste tu sempre que uma greve, uma simples greve, Isasi, carece de direcção?

E este impagavel Isasi, que se não existisse seria preciso inventar para gozo e regálo de todos nós, prosegue impavido e solene como um Napoleão em Austerlitz:

— A medida que nas várias localidades e máquinas do Estado vão sendo destruidas e a burguesia desarmada, os revolucionarios irão entregando aos sindicatos, uniões de sindicatos ou confederções, todo o poder.

Entregar aos sindicatos todo o poder? Mas o que é isto senão ressuscitar o Estado? Pode a ideia do poder tornar-se inseparavel do principio da autoridade?

E Isasi, agora sorridente e pavello, remata com esta bomba de efeito, sem tocar a menor conta na serie de contradicções que accumula:

— Desarmar a burguesia, destruidos todos os titulos de propriedade, o capitalista é forçado a procurar trabalho porque os sindicatos de distribuição não lhe darão nem comer, nem de vestir enquanto não ingressar em qualquer sindicato de produção que lhe dê trabalho útil. Desta forma o movimento é realmente proletário e este por intermedio da sua organização coage os parasitas a trabalhar e a produzir.

Então coagir os parasitas a trabalhar por intermedio da organização sindical não é exercer a ditadura? Oh! Isasi, Isasi, raio te partam, camelo!

O 1.º DE MAIO

BRUDIÇÃO DE M. J. DE SOUSA

E' caso verificado. Esta data que os socialistas de cá, ha uns bons 30 anos, celebravam com palhaçadas ridiculas — carros alegoricos e filarmónicas, que o burguez feliz contemplava com um sorriso ironico, comemora-se agora, desde que os anarquistas governam o movimento operario, com torneios de palavreado esteril e estendões de erudição barata.

Querem uma amostra?

Ela aí vai, fornecida por M. J. de Sousa, em artigo publicado n' *A Batalha* o em que o illustre articulista, montado em cavallo sem freio, investa com a Historia antiga, vibra cutiladas á direita e á esquerda e deixa a misera horrorosamente mutilada, reduzida a um montão informe de destroços sanguinolentos.

Eis o que ele nos diz:

«As guerras punicas — salvo erro — com Alexandre Magno tornaram possível a transição da decadente civilização grega para a civilização romana.»

M. J. de Sousa confia de mais na ignorancia dos leitores de *A Batalha*, impingindo-lhes *gato por lebre*.

Alexandre Magno reinou na Macedonia de 336 a 323 antes de Cristo. Dominou a Grecia, cuja civilização assimilou, sendo um dos numerosos discipulos de Aristoteles. Guerreiro feliz, venceu os persas; conquistou o Egipto e penetrou nas Indias. Morreu em Babilonia depois de ter fundado um dos maiores imperios de que ha memoria.

As guerras punicas — são assim chamadas as guerras entre cartaginezes e romanos — são posteriores á morte de Alexandre. A primeira guerra punica começa em 264, antes de Cristo. Os cartaginezes aliados de Siracusa e os romanos aliados de Messana, disputam a posse da Sicilia. A segunda guerra punica começa em 219, antes de Cristo. Anibal, o maior general dos tempos antigos, invade a Italia, pelos Alpes, vence em Tebia, em Trasimeno e em Cannas, ameaça Roma e conserva-se na Italia 17 anos combatendo os romanos. Termina esta guerra com a batalha de Zama, travada ás portas de Cartago, e na qual Anibal é vencido pelo feliz Publio Cornelio Scipião. Finalmente, a terceira guerra punica tem o

seu desfecho 146 años antes de Cristo, com a destruição de Cartago, destruição a que presidiu Scipião Emiliano.

Ora o que tem Alexandre Magno com as guerras punicas e com a civilização romana? E que tem tudo isto com o 1.º de Maio? Não caberia melhor, a proposito desta data, constatar a concepção materialista da Historia, descrever a origem da luta das classes, assinalar a sua evolução como consequencia do desenvolvimento capitalista e, pelo exame destes factos, prever o desfecho da luta?

E' uma coisa curiosa! Os anarquistas enunciam a luta das classes, porque é o facto visível que ninguem ousa negar, mas não compreendem o seu significado, não aprofundam a sua importancia. E é assim que, enunciação a luta das classes, a negam logo, fazendo depender a Revolução de factores moraes.

Que espléndida educação esta, a que se proporciona ás gerações condenadas ao exercicio do ato revolucionario!

Olha, Manoel! não bulas mais na Historia, porque qualquer dia é capaz de nos apresentar Xenofonte a passeiar com Alarico no campo de batalha do Pavia, depois da derrota de Francisco I.

E afinal não é isto que interessa á emancipação do proletariado, alheio ás victorias de Anibal e ás conquistas de Alexandre. Na Historia o que interessa ao proletariado são as mutações economicas, de que as mutações politicas não são mais do que um effeito.

Os anarco-sindicalistas afirmam que farão eles a Revolução e que recolherão os frutos da victoria.

Os comunistas não tem senão uma maneira de responder a esta teoria: — *mostras por factos a firmeza do que avanças.*

Nós, os comunistas, estamos no direito de exigir, sobretudo no periodo de lutas arduas que atravessamos, estamos no direito de exigir dos dirigentes do movimento operario outra coisa que não sejam declarações, outra coisa que não sejam promessas de fazer a Revolução; estamos no direito de exigir aos anarco-sindicalistas que transformem as suas promessas em realidade.

A melhor teoria é aquella que os factos confirmaram. A nossa teoria comunista foi não só confirmada pela Revolução russa mas ainda por outros acontecimentos. A teoria dos anarquistas pelo contrario, não recebeu ainda confirmação alguma.

De cada vez que o anarquismo quiz revelar a sua pratica na Revolução russa mostrou-se sempre um agente da ideologia pequena-burguesa e anti-proletaria.

Eis porque consideramos com ceticismo e desconfiança as suas theorias de independencia do movimento sindical.

Querer delimitar a politica e a economia em duas esferas de acção independente e paralelas equivale a separar em duas metades o proprio movimento operario.

O Secretariado da Uniao Sindical Holandesa deu a sua adesão á Uniao Internacional Vermelha.

Alfalates de Lisboa

Comemoram no dia 3 de Junho o 31.º anniversario da sua associação de classe.

Às 21 horas realisar-se-ha uma conferencia pelo nosso camarada J. Carlos Baltas.



O QUE É O CAPITALISMO D'ESTADO

Inusões anarquistas

Sem a técnica do grande capitalismo

todo o socialismo é impraticável

Na escala económica, o capitalismo d'Estado é infinitamente superior à nossa atual situação económica. Isto deve ser dito para começar. Em segundo lugar o capitalismo d'Estado nada tem de perigoso para o Poder dos Soviets visto que, no Estado soviético, o poder se encontra nas mãos dos operários e dos camponeses pobres.

Para mais esclarecer a questão citaremos, antes de mais nada, um exemplo concreto de capitalismo de Estado. Esse exemplo toda a gente o conhece: é a Alemanha. Este país apresenta-nos a última palavra da grande técnica e da organização capitalista moderna, mas sob o domínio do imperialismo «Junker» e burguês. Suprimamos as palavras sublinhadas, e em lugar do Estado militarista, aristocrático, burguês, imperialista, punhamos um Estado ainda, mas dum outro caráter social, representante d'outra classe: o Estado soviético, isto é, proletariano. Teremos então na Alemanha todo o conjunto das condições requeridas pelo socialismo.

Sem a técnica do grande capitalismo, baseada sobre a última palavra da ciência contemporânea; sem uma organização governamental perfeitamente regular, que subordine dezenas de milhões de habitantes à obrigação estrita de observar uma norma única de produção e de distribuição, todo o socialismo é impraticável. E' isto que nós marxistas sempre temos afirmado e sobre este ponto é inútil perder nem que seja dois segundos, a discutir com pessoas que nunca compreenderam esta verdade (como os anarquistas e uma boa parte dos nossos socialistas revolucionários da esquerda). O socialismo será igualmente impraticável se o proletariado não tomar conta do Poder no Estado. Isto é também elementar.

A história, na sua marcha original — e ninguém, a não ser os imbecis mencheviques, podia esperar que a história nos desse imediata, tranquila e facilmente, o socialismo «perfeito» — deu nascerça, em 1918, a duas metades separadas do socialismo. Como dois pintos dentro do mesmo ovo, que se prepararam, um ao lado do outro, para romper a casca comum do imperialismo mundial, a Alemanha e a Rússia em 1918, são a encarnação evidente, uma, das condições materiais, económicas e sociais e a outra das condições políticas do socialismo.

A vitória da Revolução proletariana na Alemanha quebraria imediatamente e com grande facilidade a casca do ovo imperialista (que por desgraça é feita do melhor aço e não cede assim às picadas de qualquer pintainho) e realizaria, seguramente, a vitória do socialismo universal,

sem dificuldades ou com um mínimo de dificuldades — avaliando, naturalmente, as dificuldades sob o ponto de vista dum restrito círculo de indivíduos. Se a Revolução alemã tarda em vir, devemos começar a aprender na escola do capitalismo d'Estado dos alemães, imitando-os com todas as nossas forças, não receando pôr em prática os processos ditatoriais para assegurar esta assimilação da civilização ocidental pela Rússia barbara, não hesitando ante nenhum meio barbaço para combater a barbarie. Os anarquistas e os socialistas revolucionários da esquerda dizem que, como revolucionários, não devemos frequentar a escola do imperialismo alemão. A isto respondemos o seguinte: A Revolução que cometesse a imprudência de dar ouvidos a semelhantes criaturas estaria sujeita a sofrer os maiores castigos — e castigos inteiramente merecidos,

N. Lenine

OS CAMPONESES PERANTE A REVOLUÇÃO

A respeito da classe rural, a tarefa do Partido Comunista consiste em ganhar para a sua causa uma massa considerável de camponeses. Estabelecendo uma distinção rigorosa entre as diversas categorias de rurais e tendo em conta a importância de cada um destes agrupamentos, o proletariado vitorioso deve sustentar, por todos os meios, os elementos pobres e semi-proletários da classe rural, dando-lhes uma parte das terras dos senhores e facultando-lhes a defeza contra o capital usurário, etc.

O proletariado deve paralisar as camadas médias, deixando-lhes em propriedade pessoal as suas terras, gados e instrumentos agrícolas e rechaçar vigorosamente toda a agressão dos rurais ricos que fazem causa comum com os grandes proprietários. Nesta luta o proletariado deve apoiar-se nos agrupamentos dos camponeses pobres, dirigidos pelo proletariado agrícola; nos países onde os assalariados agrícolas são em grande numero.

N. Boukharine

A I. C. não pretende subordinar os sindicatos. Qualquer Partido Comunista que declarasse deesjar submeter os sindicatos não teria de forma alguma compreendido a tática da I. C. Não obstante o Partido Comunista deve aspirar a que cada comunista, membro do partido, fique comunista onde quer que esteja.

Não se pode formar um Partido Comunista por mobilização. Não se adere ao P. C. por um decreto. Quem adere fá-lo voluntaria e conscientemente e por isso aceita deveres a que não pode fugir.

Não se pode admitir que membros do P. C. venham declarar: somos absolutamente independentes na nossa ação sindical.

Lecovsky

Se os anarquistas quizessem dizer que a organização social futura admitiria a autoridade sómente dentro dos limites ditados pelas condições especiaes de cada industria, seria possível chegar-se a um acordo com eles. Mas, nada disso. Eles passam por alto sobre todos os factos que tornam necessaria a autoridade e lutam apaixonadamente contra uma mera palavra.

Porque não se limitam os anti-autoritários a gritar contra a autoridade politica ou contra o Estado? Todos os socialistas estão de acordo em que o Estado e juntamente com ele a autoridade politica, devem ser abolidos, como resultado final da futura Revolução socialista, quer dizer, que as funções publicas perderão o seu caráter politico e serão transformadas em simples funções administrativas, concorrentes a determinados assuntos sociais. Porém, os anti-autoritários querem que o Estado politico desapareça de um sópro ainda antes de que as relações sociais que deram razão de ser ao Estado tenham desaparecido. Pedem que o primeiro ato da revolução social seja a abolição de toda a autoridade.

Já viram esses senhores alguma vez uma Revolução? Inegavelmente, uma Revolução é a cousa mais autoritaria possível. A Revolução é um ato no qual parte da população impõe o seu desejo e a sua vontade sobre outra parte da população, socorrendo-se de todas as armas contudentes — a bala e a baioneta, isto é, pelos meios mais autoritarios. E o partido triunfante vê-se inevitavelmente obrigado a manter a sua supremacia por meio do temor que inspiram as suas armas aos vencidos. Se a Comuna de Paris não tivesse confiado na autoridade da gente armada contra a burguesia poderia durar mais de um dia? Não podemos ainda censurar a Comuna por não ter feito um sufficiente emprego da sua autoridade? E sendo assim, ou os anti-autoritários não sabem o que dizem, e neste caso demonstram sómente uma grande ignorancia, ou realmente sabem o que dizem e então enganam o proletariado. Em qualquer dos casos servem á maravilha os interesses da reação.

F. Engels

O socialismo combate pelo desaparecimento do salarista. Certo, a nossa teoria é adequada á ideia de justiça, como no nosso estado economico a geram os interesses humanos e a satisfizer igualmente; mas não é só p. r. ser just. que t. abalhamos por pó-la em prática, pois demasiado sabemos que efetivamente, as mil generosas reivindicações formuladas pela razão pura não podem suprir os dados da experiencia.

Afim de que uma teoria seja applicavel, por mais legitima que pareça, deve o seu fundamento encontrar-se nos factos, an es de se encontrar no cerebro. Por isso os primiros te. os socialistas não puderam arrancar o socialismo d' dominio da utopia n'uma época em que ainda não existiam as condições economicas que permittiam, que impõem a sua realisção. Apesar do seu talento, apesar das suas aspirações antropicas, apesar das suas indignas reclamações e dos acerbos sofrimentos que queriam ver-m-diar, não pudram tornar praticavel o socialismo porque a experiencia adquirida ainda não é bastante para dar uma base material ás suas situações. Se agora éle se pôde raticar é porque, ornada adequada á maneira de ser das forças productivas, a solução comunista é naturalmente o termo da fase social que atravessamos.

Deville

AS REVOLUÇÕES

GES
PCP

OS GRANDES PROBLEMAS

A REVOLUÇÃO

Como sistema de transformação económica são
empresas dispendiosas mas não improdativas

Ainda não mostrámos por factos que o socialismo, comparado ao capitalismo, é um sistema económico mais vantajoso, porque estamos mais pobres atualmente do que antes da guerra e da Revolução. É um facto inequivocal e que se explica porque a revolução, como sistema de transformação económica, é uma empresa muito dispendiosa.

Todas as revoluções do mundo o mostraram. Consideremos a Grande Revolução Francesa. Em Génova o perito francês, atualmente ministro da Justiça, Colrat, dizia a Litvinov ou antes a Tchitcherine: «Não terdes o direito de falar em matéria económica; comparaes o estado do vosso país com o nosso.» Ora o estado atual da França foi criado sobre a base capitalista engendrada pela Grande Revolução Francesa e a França, tal qual nos aparece hoje, com as suas riquezas, com a sua civilização e com as suas corrupções, não estaria em tal estado sem a Grande Revolução. O próprio Colrat fala naturalmente da Grande Revolução como sendo a mãe da democracia moderna.

Depois de ter lido o seu discurso, reportei-me a obras de História tais como as do historiador francês Taine e a *A História socialista*, de Jaurès. Eis os factos que neles estão estabelecidos:

Após o 9 de Thermidor, por conseguinte depois do começo da era contrarrevolucionária, principia o empobrecimento da França. Dez anos depois da Revolução, isto é, no tempo do primeiro consul Bonaparte, Paris só recebia diariamente de 300 a 500 sacas de farinha enquanto que necessitava de 1:500 sacas. Assim, Paris que era então uma cidade de 500:000 habitantes, recebia, no décimo ano da Revolução burguesa, apenas a terça parte, mesmo a quinta parte da sua magra ração. Um outro exemplo ainda: Pelo mesmo tempo, isto é, no nono ou décimo ano da Revolução Francesa, em 37 departamentos sobre 58, a população havia decrescido em consequência da fome, das epidemias, etc.

Isto no décimo ano! Ora nós estamos no começo do sexto. O quadro que a Rússia apresenta actualmente não é nada invejável, mas é sem dúvida preferível ao que nos oferecem as estatísticas da França depois da sua revolução democrático-burguesa. Em todos os tempos vemos que a História prosseguindo o seu ato de intensificação de trabalho dos homens, o realiza á custa de devastações temporárias. Tal é a ação desarmonica da História do que não somos responsáveis. Precisamente veio-me ás mãos um destes dias um discurso que poderia muito particularmente oferecer aos camaradas franceses. É do químico francês Berthelot, filho do famoso Berthelot. Eis o que

disse na qualidade de delegado da Academia das Ciências.

Traduzo do *Tempo*:

«Em todas as épocas da História, tanto no domínio da ciência como no da política e no dos fenómenos sociais, tem sido sempre apanagem dos conflitos armados, o grandioso e terrível privilégio de acelerar a gestação dos tempos novos pelo sangue e pelo ferro.»

Como é natural subintende em primeiro lugar as guerras e tem razão de dizer que as guerras, em particular as que defendem algum novo princípio histórico, exercem uma grande força propulsiva. Mas fala em geral de todos os conflitos armados. Os conflitos revolucionários, que arrastam devastações, são ao mesmo tempo os criadores de novas épocas. Assim, pode-se afirmar que as despesas da Revolução não são despesas improdativas. E pedimos aos nossos amigos — que no-lo concederão — um prazo de cinco anos para poder mostrar lhes, no décimo ano da Revolução, o poder do socialismo em face do capitalismo, no domínio económico e não só especulativo.

Leon Trotsky

VINDA POLITICA

Ordem do dia do Executivo da I. C.

ampliado de 20 de Maio

O secretariado do Executivo da I. C. fixou definitivamente para o dia 20 de Maio a abertura da próxima sessão do Executivo ampliado.

É a seguinte a ordem do dia:

- 1.º Relatório do Secretariado.
- 2.º A ocupação do Ruhr e as questões conexas.
- 3.º A campanha pela frente única.
- 4.º A ação anti-fascista.
- 5.º A questão sindical e os conselhos de fábrica.
- 6.º A discussão com os camaradas escandinavos sob os limites do centralismo na I. C.
- 7.º A próxima fusão das duas Internacionais Socialistas de Viena e de Londres.
- 8.º A situação do movimento operário na Inglaterra.
- 9.º Propostas das Secções.

O proletariado só necessita do Estado temporariamente. Não discordamos dos anarquistas sobre a questão da abolição do Estado, como objetivo final; porém, afirmamos que, para a obtenção de este objetivo devemos fazer uso, temporariamente, dos métodos do Estado contra os exploradores, do mesmo modo que a ditadura transitória das classes oprimidas é necessária para a supressão de todas as classes.

N. Lenin

A Internacional Comunista aconselha, antes de tudo, as seguintes medidas:

1.º — Expropriação das grandes empresas industriais, de transportes, dos serviços de ligação (telegrafos e telefones), das estações elétricas, etc.

2.º — Nacionalização proletária dos grandes domínios, que devem ser entregues aos órgãos da ditadura do proletariado; entrega aos camponeses dum parte das terras, com preferência aquelas que hajam sido cultivadas pelos mesmos camponeses na qualidade de rendeiros. A entrega de uma parte das terras aos camponeses é uma medida nacional sob o ponto de vista económico, não só pela necessidade de neutralizar a classe rural, mas pela sua importância social e política.

3.º — Nacionalização proletária dos bancos. Entrega ao Estado proletário de todas as reservas em ouro, ações e obrigações, etc. Garantia dos juros a todos os pequenos depositantes. Centralização dos bancos e subordinação de todos os grandes bancos ao Banco Central da República.

4.º — Nacionalização e municipalização do alto comércio.

5.º — Anulação das dívidas do Estado.

6.º — Monopólio do comércio externo.

7.º — Monopólio pela classe operária de todas as imprensas e dos jornais.

Na aplicação destas medidas é necessário ter em conta os princípios seguintes:

A nacionalização não deve, em regra, estender-se á pequena e media propriedade. Em primeiro lugar, porque o proletariado, senhor do poder, não terá, no primeiro período da sua ditadura, uma quantidade suficiente de forças organizadas para estabelecer a ligação das pequenas e medias unidades de produção; em segundo lugar, porque o proletariado não deve alienar as simpatias dos grupos sociais intermedios. O proletariado vitorioso deve saber distinguir os ramos que se prestam a uma direção centralizada e aqueles que não podem ser mais do que um peso morto nas suas mãos. Estes últimos devem ser abandonados á iniciativa privada.

A passagem do capitalismo ao socialismo não se faz dum salto. Nos primeiros tempos são não só admissíveis, mas até obrigatórios, os métodos e formas de administração d'aparência capitalista — pagamento segundo o trabalho, sistema de prémios, pagamento em especie, forma capitalista de cálculo e de contabilidade, etc.

Do projeto de programa da
Internacional Comunista

N. Boukharine

A ideia anarquista da abolição do Estado é amorfa e não revolucionária. É precisamente a revolução no seu nascimento e desenvolvimento, com os seus problemas específicos em relação á violência, á autoridade, ao poder e ao Estado que os anarquistas não querem ver.

Mas os socialistas-democratas dão razão aos anarquistas quando lhes dizem: — Nós reconhecemos o Estado ao passo que vocês o não reconhecem.

N. Lenin



O programa de ação do Partido Comunista e a decomposição

da Igreja russa

O P. C. considera que a sua primordial tarefa consiste em manter todas as regalias já conquistadas e, em especial, as 8 horas, em oposição em todas as tentativas de diminuição de salários pugnando pela conservação e aumento destes. Dará todo o seu apoio às reivindicações económicas do proletariado, procurando transformar as lutas isoladas em lutas de conjunto que abracem e interessem, todas as camadas proletárias.

Conselhos de fabrica e de officina :: :: ::

Para tal o P. C. julga que é de absoluta necessidade ligar estreitamente a officina, a fabrica, a empresa, etc., ao sindicato, de forma que este não seja só a representação da industria no conjunto mas outrossim a representação das celulas economicas que a constituem. Estudará portanto as formas de funcionamento e organização dos conselhos adaptaveis ao nosso meio, esforçando-se pela criação destes de modo a englobarem o conjunto do operariado agrupado nos diversos locais de trabalho, procurando interessa-lo por todas as questões e reivindicações particulares no meio em que trabalha, pelas questões mais gerais da sua industria e pelas reivindicações que no seu conjunto abracem todo o proletariado.

Com este objetivo o P. C. creará nucleos dos seus partidarios em todas as fabricas e officinas etc., com o fim de propagarem esta forma de organizações, dando alem disso o seu apoio aos conselhos de fabrica e officina que se formem em virtude de outras iniciativas que não as suas.

A atitude do P. C. para com a organização sindical :: ::

O P. C. tendo a opinião que a todas as modalidades ideologicas revolucionarias do movimento proletariano deve ser garantido o direito de livre exercicio de critica a dentro das organizações economicas do proletariado e a pugnam e preconisarem as diretrizes que julgam mais uteis para a solução dos varios problemas e objetivos finais das ditas organizações, julga por isso mesmo que todas as tendencias têm o direito de se organizarem e combinarem a ação e tática dos seus partidarios dentro das organizações sindicais.

Pelo que, o P. C. preconiza a formação de nucleos comunistas sindicados em todas as esferas sindicais e a organização partidaria duma comissão sindical, que tenha por fim o estudo dos varios problemas que interessam à organização e que dê coesão e orientação à ação sindical dos comunistas.

Dentro dos sindicatos os comunistas procurarão evitar todas as causas de divisão e enfraquecimento da unidade operaria, procurarão levar os sindicatos não aderentes, a darem a sua adesão à C. G. F., procurarão crescer a influencia desta entre as massas proletarias, não se eximindo a qualquer função ou trabalho para que tenham sido indicados. Esforçar-se-

hão por darem o exemplo do trabalho, da abnegação, da dedicação pela causa dos trabalhadores, procurando com o maximo espirito de tolerancia fazer prevalecer pelo convencimento as opiniões e taticas preconizadas pelo partido sem de forma alguma tornarem extensiva esta ação partidaria.

Fieis à sua tática de unidade e homogeneidade das forças proletarias revolucionarias defenderão a adesão à I. S. V. nos termos da «Tese das Relações Internacionais» apresentada no Congresso da Covilhã, considerando como satisfatorias das aspirações da C. G. T. portuguesa, as modificações introduzidas pelo ultimo congresso nos estatutos da I. S. V. e a aceitação integral do seu programa.

Defenderão a tática de ações e demonstrações de conjunto com todas as forças proletarias, politicas e economicas que não vão de encontro à tática, fins e objetivos da organização sindical.

A atitude do P. C. para com as outras fracções do proletariado

O P. C. considerando que o proletariado só poderá vencer a burguezia no dia em que constitua um bloco homogeneo, em que as divisões por motivos ideologicos o não desagreguem em fracções inimigas e considerando alem disso que só é possivel conseguir este bloco por ações de conjunto do proletariado em todas as suas reivindicações materiaes mais instantes como a luta contra a carestia da vida, a defeza das 8 horas, etc; procurará tomar a iniciativa destas ações estudando previamente e detalhadamente o metodo e a forma da sua realização, pondo em movimento todos os meios de propaganda de que puder dispôr, apelando para todas as organizações operarias quer politicas quer economicas, expondo-lhe as suas concepções e os meios e soluções que julga mais eficazes, dando a este apelo a maior publicidade possivel.

Associar-se ha tambem a iniciativas do mesmo genero que partam doutros campos sem entretanto abdicar do seu direito de livre critica e de iniciativa em harmonia com os objetivos que lhe são proprios.

Continua

As revoluções burguezas, á semelhança das do século XVIII, precipitam-se, vertiginosamente, de sucesso em sucesso. Os seus efeitos dramaticos a si mesmo se ultrapassam, os homens e as coisas revelam-se nos circundados de luzes refulgentes, dum êxtase contínuo. Porém, tal estonteamento é de curta duração; atingindo rapidamente o seu apogeu, um mal-estar indefinido empolga a sociedade, antes mesmo de haver podido assimilar os frutos do periodo revolucionario. As revoluções proletarias, pelo contrario — como as do século XIX — auto-criticam-se a todo o momento, interrompem-se no seu curso, voltam de novo — reimpregnadas de transportes revolucionarios — censuram severamente a sua pusillanidade e acanhamento nas primeiras tentativas, — parecem não abater o adversario senão para lhe consentir que se socorra de novas forças para se erguerem mais formidáveis diante d'elas, — vivem em constante inquietação pelo fim a que aspiram, — até ao momento em que a situação se clarifica, tornando impossivel todo o recuo, e em que a propria conjuntura exclama: Eis a roda, — dança!

Karl Marx

O Sabor — especie de concilio que elege o patriarca da Igreja ortodoxa russa — reuniu em Moscow no dia 2 de Maio, sob a presidencia do metropolitá Antonin. Dos 350 delegados presentes, 130 pertenciam à Igreja Viva e 130 à Comunidade da Antiga Igreja Apostolica.

Na sua primeira sessão o Sabor votou uma mensagem ao poder dos Soviets na qual se afirma que a separação da Igreja e do Estado consagrou a emancipação da Igreja do jugo politico, e que a autoridade da religião tem necessidade da liberdade de consciencia...

... de hoje para o futuro é permitido constatar que a Igreja contra revolucionaria do patriarca Tikhon morreu. Os seus ultimos partidarios afetam, entretanto, não reconhecer as jurisdicções atualmente existentes na Igreja russa, a qual se acha dividida numa serie de grupos que a Revolução mais ou menos marcou a todos com a sua decisiva influencia.

Enumeremo-los brevemente.

Temos em primeiro lugar a Igreja Viva; em seguida a Renascença da Igreja, á frente da qual está o arcebispo Antonin. Estes dois grupos condenam severamente a contra-revolução religiosa. A Igreja Viva é inimiga do monaquismo. A Renascença defende ainda o celibato dos bispos mas mostra-se muito liberal e tolerante no que diz respeito á revisão do ritual.

O arcebispo A. Wediensi fundou a Associação das Comunidades da Antiga Igreja Apostolica que pretende o regresso ao cristianismo primitivo do Evangelho, isto é, dos trabalhadores.

Mencionamos ainda o nucleo do arcebispo Belkow, fundador da Associação das Comunas Religiosas do Trabalho e a Livre Igreja do Trabalho dirigida pelo bispo Ioanniki. Enfim existem tambem outros grupos de menos importancia mais ou menos sectarios, sempre numerosos na Russia e entre os quais alguns e sobretudo os da União dos Cristãos Evangelicos regressam á ortodoxia.

Todos os que, na imprensa estrangeira, falam das perseguições anti-religiosas na Russia não estão evidentemente ao corrente da multiplicidade e da profundeza destes movimentos religiosos, os quais, todos, denotam a decomposição da antiga Igreja e a grande influencia exercida pelas ideias e pelos costumes revolucionarios sobre os crentes.

Tomae uma fabrica, um caminho de ferro um vapor de alto mar. Não é claro que nenhum destes meios técnicos e complexos, baseados no conhecimento das maquinas e na ordenada cooperação de muita gente, não poderia funcionar sem uma certa subordinação e consequentemente sem uma determinada autoridade poder? Quando emprego estes argumentos contra os mais recalcitrantes anti-autoritarios, podem apresentar-me apenas a seguinte contestação: — «Sim, é verdade; o facto é que nós não conferimos aos nossos delegados nenhuma especie de autoridade. Incumbimo-los do desempenho duma comissão».

Esta gente acredita que uma coisa pode ser alterada, só porque se lhe muda o nome, simplesmente. Não é assim. F. Engels



ORGANIZAÇÃO COMUNISTA, MEIOS E FINS

THESE PARA O 1.º CONGRESSO COMUNISTA PORTUGUÊZ

Não nos parece conveniente traçar desde já um programa definitivo do Partido Comunista, visto que o próximo congresso internacional vai debater o assunto. O problema vasto e complexo da questão do programa será ali tratado com largueza e conhecimento de causa pelos camaradas mais competentes da Internacional.

Ha que seguir depois a directriz que ali for traçada, ampliada e acrescida com as particularidades e características de cada país, tendo em vista as suas condições etnicas, economicas e geograficas.

As indicações do próximo congresso internacional terão de ser escrupulosamente seguidas em todos os países como é indispensavel a boa marcha da causa comunista.

O mundo é para nós, os comunistas conscientes, um vasto campo de batalha. As acções partidarias nos diversos países não são mais do que unidades taticas que não devem interferir na directriz da acção geral.

Quem vê e abraça todo o campo de batalha, quem aprecia com segurança e em conjunto todas as probabilidades de victoria e as possibilidades de reves, quem na linha geral da acção melhor descobre os pontos fracos do inimigo, é o Executivo de Moscova. A ele compete logicamente o ordenamento estrategico de toda a ofensiva, o plano de realisacão dos golpes decisivos. O triunfo da Revoluçao num determinado sector, pôde acarretar o desmoronamento de toda a frente de batalha inimiga, na Europa, pelo menos. Pelo contrario, certos triunfos locais podem não oferecer garantias de estabilidade e nada influem no conjunto da acção, acarretando com o seu esmagamento (taes foram os casos da Hungria e da Baviera) o recrudescimento da ofensiva inimiga e a desmoralisacão momentanea de parte das nossas forças. E' preciso antepor aos preconceitos dum nacionalismo mesquinho, os principios amplos e eficazes do internacionalismo.

Entretanto, é indispensavel expor os fundamentos da doutrina comunista, traçar a marcha evolutiva dos phenomenos economicos e as suas consequencias politicas e, numa palavra, deduzir pelo exame de todos estes factos os acontecimentos futuros.

A concepção materialista da historia e a luta das classes

Dis e-o Devile:

— Qualquer que possa ser o valor subjectivo da moral, do progresso e doutros grandes principios maravilhosos, esta bella fraseologia não influe na flutuaçao das sociedades humanas, e até é por si mesmas incapaz de conduzir a minima mudanca.

As evoluções sociais são determinadas por considerações menos sentimentaes. As suas causas acham-se na estrutura economica, no modo de produçao e de troca que preside á distribuiçao das riquezas, e, por conseguinte, á formaçao das classes e da sua hierarquia.

E' inutil negar a verdade que ha esta concepção da marcha historica dos acontecimentos sociais.

Frequentemente ouvimos dizer — e até aos anarquistas — que a escravidão desapareceu como uma consequencia da irradiaçao do cristianismo. Nada de menos variavel! A escravidão subsistiu ao lado da igreja, durante seculos. Na vicia ainda entre nós no XII seculo, sendo duma forma geral, duma maneira restrita. E que a moral cristã foi impotente para dominar os factores materiais que determinavam a acção humana. Dignas idênticas prova é o facto dos primeiros navegadores portugueses e depois os colonisadores do Brazil, uns e outros cristãos, se entregarem ao trafico dos escravos. O escravo converte-se em cerro abstrito e glorio de comben-

quando para este deixa de constituir um valor de troca e é somente aproveitavel como valor de produçao.

Com romanos, com visigodos ou com arabes, nós vemos sempre na peninsula a sociedade dividida em duas grandes familias: dum lado os senhores — o rei, os nobres, o clero: do outro os subjugados — colonos, servos ou vilões.

E' evidente que esta divisao não é tão nitida como acabamos de expor. Os senhores fazem-se cercar dum grande numero de serventuarios que os auxiliam no exercicio do seu dominio material e que recebem as suas graças e favores.

Dos subjugados uns tratam as terras do senhorio directo, outros cultivam leiras de conta propria mas sujeitas a pesados tributos e vexames, outros aglomeram-se nas povoações e não pagam ditadamente ao senhor — que é geralmente o rei — um imposto pessoal, mas sim ao municipio que os representa.

O municipio, eis o embryo donde ha de surgir depois um poderio novo. Os reis apoiam-se nele nas suas lutas contra a nobreza e o clero. A burguezia, ha de depois alvejar o rei, o clero e a nobreza, como eles duma mesma cadeia que a manilha. Mas para que o seu esforço seja coroado de exito é indispensavel que se tenha produzido no modo de ser material das sociedades uma determinada evoluçao.

A estrutura economica da sociedade — diz F. Engels — é sempre a base real e dá a explicação de toda a superestrutura das organizações politicas e juridicas, da mesma forma que as ideias religiosas, filosoficas e outras de cada periodo historico.

Quando em 1789 a burguezia trava o seu duelo de morte contra os privilegios da realeza, da aristocracia e do clero, não faz mais do que defender os seus interesses economicos, comprimidors por aqueles privilegios. Já vinham de longa data as tentativas de emancipação da burguezia. As republicas comerciaes e maritimas de Genova e Venezia, a constituição das cidades livres na Alemanha do Norte, as comunas dos seculos XI e XII e a tentativa da Estevão Marcel, em França, são outras tantas etapas que assinalam o esforço da burguezia para haender um jugo que lhe vergava os hombros.

A descoberta da America, o conhecimento dos mercados da Africa, da Asia e da Oceania, exigindo a expansao dos negocios mercantils, forçaram os burguezes, que já quasi monopolisavam o comercio, a ver os inconvenientes do trabalho servo na agricultura e os defectos das corporações dos mesteres na manufatura dos diversos artigos. A burguezia carecia da multiplicação dos meios de troca. Pouco a pouco, lentamente, tropeçando a cada passo com os privilegios das classes dominantes, a burguezia foi modificando as condições de produçao, mas, a breve trecho, reconheceu que lhe era indispensavel a conquista do poder politico, não só para alargar a passo rapido as suas conquistas, como para assegurar-las duma maneira definitiva. E nós vimos então como só depois da conquista do poder politico a burguezia se consolidou como classe dominante, como centuplicou as suas forças e meios de acção, como eria, emfim, capaz de condições indispensaveis a um triunfo solido e duravel. E' preciso não perder de vista esta experiencia historica.

Consolidando a sua posição como classe dominante, modificando as condições do trabalho, desenvolvendo-o e concentrando-o, a burguezia criou o proletariado, um proletariado cada vez mais numeroso que, pouco a pouco, por um contacto cada vez mais intimo, aguilhoado pelas mesmas misérias e necessidades, retoma, com a burguezia exploradora, a mesma luta que esta mantivera durante seculos com as classes privilegiadas do periodo medieval. As mesmas causas produzem sempre os mesmos efeitos. Desde que uma transformação social não elimina as classes,

antes mantem a sua divisao, não faz mais do que perpetuar a luta.

Indecisa e fraca, imprecisa nos seus objectivos, é a luta do proletariado no seu inicio. Esta luta, porem, engrandece, toma vulto, fixa objectivos precisos á medida que a burguezia ascende na escala dos seus triunfos. Marx observa e relaciona todos estes phenomenos e formula as suas teorias de socialismo científico. Outros batalhadores o acompanham de perto. A 1.ª Internacional dos Trabalhadores surge e lança aos ventos o seu grito de guerra: — *Trabalhadores do mundo un-vos.*

Acumulação dos capitales e concentração capitalista

Com o predominio economico da burguezia, a pequena officina e a pequena fabrica tendem a extinguir-se, como o trabalho caseiro quasi desaparece. Foi-se o velho moinho de vento de nossos avós para aparecer a fabrica de moagem onde a farinação dos cereaes se faz com uma rapidez e perfeição admiraveis. O mesmo progresso, a mesma sistematisação de esforços se repeta em todas as industrias. As descobertas científicas tomam um caracter sobremaneira utilitario. Vem o vapor e a maquina. Criam-se as grandes empresas. Os capitales dispersos, as economias individuais e finimas, convertidas em acções, acumulam-se e canalizam-se para determinadas explorações. Depois as empresas dum mesmo ramo de produçao foram-se fundindo constituindo os cartels. Especializou-se o trabalho. Cada fabrica dum mesmo ramo de produçao passou a executar um determinado artigo, sempre o mesmo, de modo a produzi-lo em quantidades nunca dantes previstas e com uma surpreendente economia. Depois juntaram-se as industrias dependentes. A metalurgia junta-se á siderurgia e estas juntam-se depois á da extracção dos minérios. Assim se criam os trusts. E os trusts alargam depois em todos os sentidos, no vertical como no horizontal, e abrangem até as industrias subsidiarias.

Toda esta concentração industrial foi acompanhada paralelamente pela facilidade dos transportes, levando as mercadorias a toda a parte; pela facilidade das comunicações telegraficas, dando as empresas industrias e mercantils no conhecimento exato das necessidades de cada mercado; pela facilidade das operaçoes de desconto, permitindo a realisacão rapida das transacções e dos pagamentos.

Como cupula do edificio economico burguez, surge o banco que, acumulando os capitales dispersos, comanda e financia as operaçoes do comercio e da industria.

Continua

A missão historica da classe actualmente explorada, do proletariado que organiza e disciplina o proprio mecanismo da produçao capitalista, é acabar a obra de destruição começada pelo desenvolvimento dos antagonismos sociais. Em primeiro lugar precisa de arrancar aos seus adversarios de classe, com o poder politico, a força por eles conseguida a manter intactos os seus monopolios economicos.

Devile

Contra Comunista do Lioba

A comissão administrativa deste organismo tem reunido regularmente, proseguindo na apreciação das theses a apresentar no 1.º congresso partidario e na intensificação de relações com os nucleos da provincia e os organismos interregionaes.

Apreciando as buscas domiciliarias, os assaltos aos organismos politicos da extrema esquerda socialista e as prisões de elementos avançados protestou contra estes factos.

A comissão pró-presos comunistas recebeu do grupo *Terceto Filosofista* a quantia de 240 escudos por este grupo recolhida durante a quadra carnavalesca.

Fabricação do calçado
em todos os generos
Para homens, senhores e crianças

LEANDRO GOMES

22-A Rua do Registo Civil 22-A

LISBOA

Trabalhos artisticos
em todos os
generos

LITOGRAFIA

Colletores de Cerveja

Rua de Alegria, 122

PORTO

PORTUGAL EDITORA
LIMITADA

OFICINAS
Avenida 5 d'Outubro 6 T
ESCRITORIO
CALÇADA DO CARRO, 25-1.º-B.

Esta Empresa encarrega-se da execução de todos os trabalhos tipograficos, tais como: cartões de visita, envelopes, relatorios, jornais, livros, etc., por preços inferiores aos de qualquer outra empresa congéner e execução rápida e perfeita.

Telef. n.º 480

SOCIEDADE LUSITANA DE ALIMENTAÇÃO, L.ª

Negociarias por atacado e por menor

Especialidade em champagnes, licores e vinhos do Porto

63-65-RUA 20 DE ABRIL-69-71

LISBOA

Telefona 4188 N.

Fabrica de Tornoiras e valvulas de todos os sistemas

Canalizações para agua e gas

Instalações electricas

Nacional Metalurgica, L.ª
292, Rua do Bomfim, 292

Fundição e Forjas
SERRALHERIA
MECANICA E
Civil
TORNOS
3
CALDEIRARIA

JOSÉ VIEIRA
CONSTRUTOR CIVIL

Encarrega-se, por preços modicos, de todos os trabalhos da construção civil, restauração de moveis, pinturas, decorações, forrações de casas a papel, estuques, taboietas e armações, etc.

OFICINA
RUA DO CARRO DOS POINHOS, 111, PORTO 2.

LISBOA

SAPATARIA SERRAVALLE

CARDOSO & OLIVEIRA

Calçado para homem senhora e criança

Encarrega-se de todos os trabalhos por medidas

Empregam-se as melhores materias primas, nacionais e estrangeiras

26, Rua dos Poios de S. Bento, 26

LISBOA

ARTIGOS DE FIETRICIDADE

INSTALAÇÕES DE FIETRICIDADE, CA, MOTORES, ASCENSORES, CAMPAINHAS, PARA-RAIOS, ETC.

Canalizações para agua e gas

Pisos aos melhores preços do mercado

Talipas ao preço da fabrica

A ELECTRICITY

Grande cartido de candieiros de parede, de suspensão e portateis

Esquentadores, ferras de engomar e todo o demais material electrico nas melhores condições

R. Nova do Almada, 16

Telef. G. 5420 **Lisboa**

OS MISERAVEIS

A obra monumental de Victor Hugo, edição ilustrada a tomos de 360

Brevemente
O **ALALIO MUTUO** de Pedro Kropotkin e A **PHCADORA DA GALILIA** por René Emery.

Seção tipografica, artigos de escritorio e escolares, cartões, escarapelas, etc.

Pedidos a **LIQUORIO HONROSCOU**
JOAQUIM CARDOSO, LIMITADA
RUA DOS POINHOS DE S. BENTO, N.º 27

LISBOA

Valerio, Lopes & Ferreira, L.ª

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres, louça esmalhada, parafusos, fundos para caldeiras, guarnições para moveis

Chapa ferro preto e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para torrador, serras circulares e de fita, etc.

1884 (1888, 2030, 21)

grupos. FERRAGENS

84, Rua do Amparo, 80 **LISBOA**

VAGO

"O COMERCIAL"

Chapelaria e Sapataria

DE
Antonio d'Oliveira

19, Rua do Rato, 21
SU URSAL
89, R. Poios de S. Bento, 93

GRANDE ASSORTIMENTO DE CALÇADOS E CALÇADO

Preços resumidos